



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Albuquerque Batista de, Francisco José; Vasconcelos, Tatiana Cristina; Coelho Peçanha de Miranda,  
Jorge Artur

Análise Psicossocial do Assentamento e seu Entorno

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 233-242

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817211>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Análise Psicossocial do Assentamento e seu Entorno

Francisco José Batista de Albuquerque<sup>1 2</sup>

Tatiana Cristina Vasconcelos

Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho

Universidade Federal da Paraíba

---

### Resumo

Considerando que o processo de assentamento se completa quando há uma efetiva integração entre as comunidades, objetivou-se comparar as crenças e expectativas existentes entre os pequenos produtores assentados e seus vizinhos em pequenas parcelas adquiridas através de herança ou compra. Cinquenta e dois assentados e 53 pequenos produtores foram entrevistados em grupos focais e entrevistas individuais sobre a história de sua comunidade, suas expectativas etc. Os resultados mostraram que os assentados descrevem seus vizinhos como desorganizados e acomodados, já os pequenos agricultores os descrevem como invasores de terras e beneficiados pelo governo. Ambos descrevem o contato social com o entorno devido aos preconceitos existentes de lado a lado. Conclui-se que embora o assentamento tenha por objetivo integrar os membros à comunidade, esse objetivo não foi alcançado, implicando a necessidade de uma política integradora para os agricultores de forma homogênea, independente da maneira como lograram a terra.

*Palavras-chave:* Assentamentos; identidade social; preconceito.

### Psychosocial Analysis of the Settling and its Surroundings

### Abstract

We hereby aim at comparing the beliefs and the existing expectations between small-settled growers and their neighbours in either purchased or inherited small-properties, by taking into account that the settling process only gets complete when there is an effective integration between settlers and the community. Five-two settlers and 53 small-property owners were interviewed in groups and individual interviews were carried out concerning the history of their community, expectations, etc. The results showed that settlers describes their neighbours as non-fighting-for-life disorganized people, while small growers describe them as government-benefited land invaders. Both of them describe the social contact with the exogenous community due to the existing prejudices on both sides. We are there led to conclude that although settling aims at integrating the settlers to the community, such target is not attained. This points to the need for an integrating policy- so as to control the form of treatment for growers- no matter how they managed to own the land.

*Keywords:* Settling; social identity; prejudice.

---

O processo de reforma agrária no Brasil é considerado como bastante complexo e difícil de entender e de superar. Sua análise tem como foco, principalmente, os fatores econômicos e sócio-demográficos, observando-se uma escassez de estudos que enfatizem os fatores psicológicos ou psicossociais dos diversos grupos diretamente envolvidos nesse processo, como os técnicos, os assentados e seus vizinhos. Este trabalho tem como objetivo comparar as crenças e expectativas existentes entre os pequenos produtores assentados e seus vizinhos em pequenas parcelas adquiridas através de herança ou compra. Cinquenta e dois assentados e 53 pequenos produtores foram entrevistados em grupos focais e entrevistas individuais sobre a história de sua comunidade, suas expectativas etc. Os resultados mostraram que os assentados descrevem seus vizinhos como desorganizados e acomodados, já os pequenos agricultores os descrevem como invasores de terras e beneficiados pelo governo. Ambos descrevem o contato social com o entorno devido aos preconceitos existentes de lado a lado. Conclui-se que embora o assentamento tenha por objetivo integrar os membros à comunidade, esse objetivo não foi alcançado, implicando a necessidade de uma política integradora para os agricultores de forma homogênea, independente da maneira como lograram a terra.

moradores de pequenas parcelas adquiridas através de herança ou de compra.

Entre os assentados e os vizinhos, os resultados mostraram que os assentados descrevem seus vizinhos como desorganizados e acomodados, já os pequenos agricultores os descrevem como invasores de terras e beneficiados pelo governo. Ambos descrevem o contato social com o entorno devido aos preconceitos existentes de lado a lado. Conclui-se que embora o assentamento tenha por objetivo integrar os membros à comunidade, esse objetivo não foi alcançado, implicando a necessidade de uma política integradora para os agricultores de forma homogênea, independente da maneira como lograram a terra.

à análise dos fenômenos urbanos e dos seus habitantes (maiores detalhes, ver Albuquerque, 1994, 1996; Clemente & Albuquerque, 1998; Clemente, Albuquerque & Reyes, 1993). Não obstante, pode-se constatar que cada vez mais se faz necessária a presença da psicologia social para explicar e, quando for o caso, intervir no processo de mudança que está ocorrendo na realidade brasileira (Albuquerque, 2001).

A reivindicação do acesso à terra, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por outras organizações, levou à implantação de numerosos assentamentos, ainda que com uma atenção limitada no que diz respeito às demandas (Jorge & Bergamasco, 1998). A palavra assentamento, enquanto substantivo, refere-se ao conjunto de famílias de trabalhadores rurais, vivendo e produzindo num determinado imóvel rural, desapropriado ou adquirido através do governo federal e/ou estadual, e com o fim de cumprir as disposições constitucionais e legais relativas à reforma agrária. Carvalho (1998) acrescenta a outros entendimentos que “a expressão assentamento é utilizada para identificar não apenas uma área de terra no âmbito dos processos de reforma agrária destinada à produção agropecuária e/ou extrativista, mas também um agregado heterogêneo de grupos sociais constituídos por famílias de trabalhadores rurais” (p. 7).

As pessoas e famílias assentadas passam por um extenso processo de construção de sua infra-estrutura social e econômica, depois de implantadas. Além disso, no assentamento, enquanto espaço social em reconstrução, as pessoas, algumas estranhas entre si, passam a interagir com os membros do próprio assentamento e com os moradores circunvizinhos. Como consequência dessas novas interações, podem surgir identificações ou conflitos, tanto intra como intergrupais. Neste contexto, algumas questões clássicas da psicologia social, referentes aos grupos e à formação da identidade social, podem ser aqui apresentadas. Algumas delas são: quando um agregado de indivíduos passa a ser considerado um grupo social? O que faz com que um grupo permaneça unido ou se desintegre?

Inicialmente, para que um coletivo se transforme em grupo, Bar-Tal (1996) afirma que existem três condições

surgido o caráter continuamente construído. Os assentados, voluntária, os assentados, que antes constavam como agregado, passam a ser considerados como grupo, no qual os membros estão conscientes de uma identidade comum e que possuem uma nova identidade social. De então, como aponta Lewin (1948), o grupo é definido em referência sobre a qual se apóia o indivíduo para utilizar o instrumento para satisfazer suas necessidades. Essa relação intragrupo que se inaugura, promove o fortalecimento das interações no assentamento, necessariamente estendida aos demais grupos. Um exemplo disso acontece com os pequenos grupos que habitam as circunvizinhanças do assentamento. Um grupo que anteriormente já se encontrava territorialmente e com metas formuladas, podem ocorrer conflitos intergrupais. Desse modo, o que sucede entre esses grupos socialmente é de importância, tanto para a psicologia social quanto para o estar de seus membros, sendo importante estabelecer relações entre eles para que possa estabelecer-se com relações homogêneas.

Na análise do comportamento intergrupais, a definição das normas de grupo, os estudos de Sherif (1935) são uma das perspectivas mais importantes. Segundo ele, esses estudos se caracterizam basicamente por meio de experimentos de determinadas relações funcionais de grupos que interagem, sejam elas de cooperação ou de independência, para se testar os efeitos na conduta intergrupais. Como acrescenta Sherif observou que, quando são estabelecidas relações apenas para um grupo, ocorrem conflitos, preconceitos e discriminações grupais.

Para se proceder a uma análise dos processos de interação entre os assentados e seus vizinhos, não basta analisar a relação funcional entre estes grupos, mas é necessário considerar outro aspecto importante: a formação da identidade social.

## **Identidade Social**

ajuda a compreender os processos intra e intergrupais, e oferece uma visão única de um amplo conjunto de condutas individuais e sociais. Nesse sentido, esta teoria pode contribuir, de maneira considerável, para a análise psicossocial dos fenômenos ocorridos nos assentamentos e em seu entorno. Isto acontece porque, em função das suas características, os assentamentos propiciam um ambiente no qual a construção de uma identidade social encontra o seu solo mais fértil.

A Teoria da Identidade Social (TIS) aponta que os atores sociais adotam uma identidade pessoal, e que também constroem uma identidade social que reflete sua pertença aos vários grupos aos quais crêem pertencer. A Identidade Social é definida por Tajfel como sendo a parte do autoconceito de um indivíduo, derivado de seu conhecimento de sua pertença a um grupo ou grupos sociais, e unido ao valor e significado emocional desta pertença. As identidades sociais em forma de categorias, como nacionalidade, religião, gênero, profissão, entre outras, constituem partes importantes na formação do autoconceito, pois é através delas que as pessoas percebem a si mesmas e ao mundo que as rodeia (Bar-Tal, 1996).

Especificamente, em um determinado assentamento, as interações sociais que as pessoas estabelecem entre si, assim como com as diversas pessoas e famílias que vivem fora do assentamento, possibilitam-lhes estabelecer uma multiplicidade de tipos de categorias sociais. Muitas dessas pessoas e famílias acabam por se identificar entre si em função das afinidades que supõem existir entre elas (Carvalho, 1999). A identidade social como um grupo constitui-se a partir das vivências e percepções compartilhadas por este grupo no espaço e no tempo, sendo um produto histórico-social percebido subjetivamente por cada pessoa e alcançada na interação. É através desta identidade que o ator social orienta suas condutas, organiza seus projetos, constrói sua história e busca resolver suas contradições em interações constantes com outros atores sociais. Sendo uma construção social, deve-se supor que esta identidade se define por oposição a outros atores, estando pautada não somente em função do endogrupo, mas também do exogrupo (Montero, 1996).

excludente, para realizarem uma tarefa com recursos limitados, os indivíduos do endogrupo trabalham juntos na tarefa e acabam favorecendo o endogrupo frente a um do exogrupo.

Considerando esse aspecto, a teoria da identidade social afirma que todos têm uma necessidade individual positiva e que o status de pertença ajuda a conseguí-la. Como o indivíduo permanece num contínuo processo de avaliação, avaliando o endogrupo de maior valor e o exogrupo (Drigotas, Insko & Schreindorfer, 1994) que Turner (1994) aponta a teoria da identidade social para avaliar o próprio grupo e avaliar a si mesmos positivamente.

Para a melhor compreensão da organização de um grupo, é de fundamental importância o entendimento de fatores como coesão, por exemplo, a liderança e a coesão social. De um líder se dá a partir da posição que ele ocupa na estrutura. Na ausência de um líder surge através das interações sociais. Os membros percebem um determinado líder sendo aquele que mais contribui para a realização dos objetivos do grupo. Com relação à coesão, determinante para o sucesso de um grupo, pelos indivíduos integrantes de um grupo coeso tem mais chances de sucesso com uma vasta história de êxito diferenciado de outros devido à coesão maior, será a comunidade dos membros, a produtividade e a satisfação (Jesuino, 1996).

Reportando ao assentamento, os meses ou anos em que ficam precárias, as dezenas ou centenas de famílias que se assentam identificam-se com um objetivo comum, que é a posse de uma casa. Para atingir esse objetivo, faz-se necessária a cooperação entre todos, que, de forma individual, nenhuma pessoa conseguiria ao seu próprio pedaço de chão.

A coesão existente entre os membros do assentamento não implica que haja uma maior aproximação ou entendimento com os outros pequenos agricultores que, embora vizinhos, não participaram do movimento para a consecução do assentamento (Albuquerque, 2000). Os agricultores circunvizinhos sentem-se como uma comunidade à parte do assentamento, tanto por sua origem, quanto pelos benefícios que aos outros são disponibilizados, como crédito para construção da moradia, custeio e investimentos a baixo custo e com carência, assistência técnica, além da organização e apoio políticos presentes. Os assentados e as famílias circunvizinhas apresentam grande heterogeneidade de histórias de trabalho e amplo senso de vida, em decorrência não somente das diferentes relações sociais de produção e de propriedade em que estavam inseridos, mas também pelos contextos histórico-sociais em que se encontravam, como pessoas e como famílias. Há diferenciações pelo grau de organização corporativa que tenham conseguido alcançar em determinadas conjunturas, no âmbito das suas lutas reivindicatórias ou pela intensidade dos conflitos sociais que tenham vivenciado. Ademais, como afirma Carvalho (1999), existe uma diferenciação na memória de vida, sendo importante destacar que cada grupo social tende a aviltar o outro. Ademais, quanto mais importante for a identidade social e mais forte a ligação com o endogrupo, mais se reage com preconceitos a outros grupos, o que dificulta e impossibilita a prontidão para manter contato social com o exogrupo (Martinez, 1996).

Como mencionado anteriormente, o assentamento terá obtido seu objetivo, na medida em que deixe de se diferenciar da comunidade que o cerca, passando a integrá-la, produzindo e participando do seu dia-a-dia. Contudo, este objetivo aparentemente óbvio não é de fácil assimilação, nem pelos técnicos dos órgãos governamentais encarregados da sua implementação, nem pelos próprios assentados, nem, tampouco, pelos pequenos proprietários não-assentados. As razões para isto prendem-se tanto a fatores de ordem institucional, quanto a fatores psicológicos que dizem respeito à formação da identidade social dos diversos atores. Nota-

estimulada a partir de algumas contribuições da psicologia social que facilitem esse processo. O primeiro passo é o conhecimento das crenças e expectativas dos diversos atores envolvidos no processo. Assim, pode-se tentar estabelecer uma metodologia de trabalho com os objetivos de integração, tão necessária quanto a afirmação de todo o processo de reforma agrária (Albuquerque, 2000).

Diante do exposto, objetivou-se, especialmente para esta pesquisa: 1) analisar as crenças e as expectativas dos assentados e dos pequenos produtores sobre seu futuro e o de sua comunidade; 2) analisar as expectativas dos produtores vizinhos sobre a reforma agrária e o assentamento; e 3) conhecer acerca da relação existente entre assentados e pequenos produtores.

## Método

### Hipóteses

Considerando os objetivos explicitados anteriormente e a existência acerca dessa problemática, foram formuladas as seguintes hipóteses: 1) os assentados têm expectativas relacionadas à sua comunidade e ao futuro positivamente que os produtores vizinhos; 2) os produtores vizinhos irão perceber-se como mais bem organizados do que os pequenos produtores vizinhos; 3) os produtores vizinhos considerarão os assentados como invasores e privilegiados pelo governo; e 4) as percepções dos produtores vizinhos nestas três hipóteses afetarão negativamente as relações sociais intra e inter-grupais.

### Participantes

A amostra foi constituída por 100 produtores rurais distribuídos entre assentados ( $n=52$ ) do assentamento Helena, situado no município de Espírito Santo do Marabá, agricultores circunvizinhos a este assentamento, sendo divididos de acordo com o sexo e a idade. Os produtores vizinhos foram selecionados através de uma

### Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semidirigida, com o objetivo de estimular a verbalização dos participantes sobre os seguintes temas: história da comunidade, relacionamentos e conflitos com as comunidades vizinhas, expectativas sobre o futuro da comunidade e expectativas sobre o futuro profissional.

### Procedimento e Análise dos Dados

O assentamento Dona Helena foi escolhido porque em seu entorno existe uma elevada densidade de pequenos agricultores rurais. Inicialmente, procederam-se visitas prévias ao assentamento, a fim de esclarecer aos líderes comunitários os objetivos da pesquisa, sendo solicitada a permissão para que o trabalho fosse realizado com os seus moradores. Após a autorização, foram marcados, com os moradores, os locais de reuniões para a realização da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada através da *Técnica de Grupo Focal* e de entrevistas individuais. A necessidade da utilização de entrevistas se deu porque, em alguns casos, os participantes tiveram que ser entrevistados individualmente, pois as características da comunidade, com casas a quilômetros de distância, impossibilitaram a realização de grupos focais. Todavia, em ambas as técnicas, a fim de que fossem evitados vieses, foi utilizado um procedimento padrão, no qual os pesquisadores foram responsáveis pela amostra de homens, enquanto as pesquisadoras ficaram responsáveis pelas mulheres.

O grupo focal é uma técnica que visa, tal como a entrevista, possibilitar que os indivíduos expressem suas opiniões, crenças e atitudes. Além disso, por ser constituído por um grupo de pessoas, possibilita a discussão sobre o tema que for iniciado pelo facilitador e uma maior visão da dinâmica intragrupal dos participantes. Para a sua realização, recomenda-se que seja

constituído por um número de 10 a 12 pessoas. Esta técnica não busca o conhecimento fundamentalmente diretivo (Johnson, 1996; Krueger, 1996).

Os grupos focais foram realizados pelos próprios moradores, com a presença do pesquisador. Seguindo o procedimento, o pesquisador assumiu o papel de observador, realizando a introdução da conversa e depois realizar as perguntas. O papel de observador, realizando a introdução da conversa e depois realizar as perguntas. O papel de observador, realizando a introdução da conversa e depois realizar as perguntas.

### Resultados e Discussão

Com o intuito de facilitar a sua compreensão, os resultados foram discutidos na sequência em diversas tabelas. Inicialmente, objetivamos apresentar as expectativas encontradas entre assentados e moradores do assentamento, no que se refere ao presente, ao futuro e ao futuro de sua comunidade, apresentados na Tabela 2.

Com relação às Expectativas dos agricultores vizinhos ao assentamento, foram abordados sete aspectos: *Trabalho, Educação, Água/energia, União, Saúde, Trabalho/Continuidade*, os assentados

Tabela 2

*Expectativas em Relação ao Futuro*

freqüência de 26 respostas. Esses dados revelam a importância que os assentados concedem a esse fator, no que concerne à continuidade em permanecer morando na terra. Percebe-se também uma preocupação em gerar empregos, tanto para os filhos como para pessoas externas ao assentamento, sendo este um objetivo da maioria dos assentados. Pode-se observar que, na comunidade vizinha, este aspecto não foi contemplado. Por outro lado, com relação ao aspecto *Posse da Terra*, ocorre o inverso. Isto se dá devido ao fato de que, entre os assentados, a posse da terra já foi alcançada legalmente, enquanto os produtores circunvizinhos ao assentamento, embora tenham sua terra para plantar, ainda se preocupam com a legalidade e com a possibilidade de terem direito a uma maior extensão de terra.

O aspecto *Educação*, ou seja, ter assistência educacional de forma contínua na comunidade, foi uma das expectativas positivas apresentadas tanto pelos assentados quanto pelos moradores circunvizinhos ao assentamento, com nove respostas no primeiro grupo e cinco no segundo grupo. Este fato se deve à percepção de que a educação servirá para possibilitar aos jovens pequenos agricultores, independentemente do grupo de pertença, uma melhor qualidade de vida no futuro. Entretanto, cabe destacar que, para os assentados, a educação é vista como algo que contribui para que seus filhos trabalhem de maneira mais eficaz na própria terra. Já para os produtores vizinhos, a educação contribui como possibilidade de que os jovens trabalhem na cidade, fora da terra em que residem. Dessa maneira, percebem a educação como meio de elevação social e ascensão ao mercado de trabalho, o que, para eles, se daria na cidade e não na terra.

Outro aspecto igualmente ressaltado como expectativa positiva para os dois grupos, foi ter *Água/Energia* na sua comunidade: seis respostas foram apresentadas pelos assentados e cinco por seus vizinhos. Apesar das diferenças em relação à posse da terra, observou-se que os pequenos produtores têm claro que, em suas comunidades, a falta de

prevalecendo os objetivos individuais se manifesta. Nessa ocasião, cada subgrupo, seja ele formado por um ou de outro tipo, realiza suas tarefas independentemente do grupo em geral. Em função disso, diminuem-se as reuniões para as tomadas de decisões: se antes eram na terra elas eram quase diárias, agora passam a ser semanais ou quinzenais ou mensais. Uma vez que a terra não constitui um dos fatores que favorecem a formação da identidade grupal, esta identidade tenderá a ser frágil. Neste sentido, estes dados demonstram a importância dos assentados, de que a “união” é algo que favorece que logrem seus objetivos. Por sua vez, o fato de que os não-assentados não se preocupam com este aspecto como sendo um dos fatores que favorecem as expectativas com relação ao futuro.

No que se refere à *Saúde*, encontra-se frágil a união endogrupal e ao alcance de metas. Uma das cinco respostas revela que os assentados não se preocupam com as condições físicas e mentais para lutar a fim de alcançar seus objetivos.

Um aspecto igualmente importante ressaltado foi o que foi descrito como a necessidade de melhorar as condições em busca de melhores empregos e condições de vida. Uma das respostas para os assentados e cinco para os moradores vizinhos ao assentamento.

Com relação às Expectativas Negativas, encontrou-se, apenas entre os agricultores, a expectativa *Sem Objetivo de Vida*, com uma freqüência de seis respostas. Este aspecto contempla o sentimento de desânimo existente entre os moradores vizinhos, que não acreditam em melhoras na sua condição de vida e, portanto, não têm expectativas.

Diante do exposto, dois resultados são salientes: o que diz respeito à expectativa de continuar trabalhando em sua comunidade e a expectativa ou objetivo dos pequenos produtores de se assentarem. Estes e outros resultados

Os participantes realizaram uma Avaliação Positiva com relação à organização do assentamento, ressaltando dois fatores: 1) consideram os assentados como um grupo *Coeso* e que *Luta* para conseguir seus objetivos, com um total de 13 respostas; e 2) devido à existência de um *Líder* entre os assentados, com um total de oito respostas. Este resultado aponta que, da mesma forma que os assentados, os pequenos proprietários percebem a importância da coesão endogrupal para a dinâmica social da comunidade, ressaltando que estes aspectos faltam à sua comunidade. De modo geral, todos os participantes acreditam que a coesão e a presença de um ou vários líderes podem contribuir para que exista um direcionamento na tomada de decisões grupais, pois os líderes possibilitam o processo de desenvolvimento da comunidade. Esta crença está de acordo com a afirmação de Jesuíno (1996) de que a coesão contribui positivamente para o grupo.

No que diz respeito à avaliação negativa da organização do assentamento, encontrou-se apenas uma resposta dada pelos pequenos proprietários, e que considera o assentamento como desorganizado, mesmo quando existe um líder. Muitos desses participantes não souberam avaliar a organização do assentamento, afirmando que não conhecem nada a respeito, por nunca terem ido até um assentamento. Daí, o que se pode concluir é que os pequenos proprietários têm pouca ou nenhuma relação com os moradores do assentamento.

considerado agradável, com os  
diferentes situações e por mot  
por serem colegas, por convers  
na feira livre. O segundo aspect  
com sete relatos, refere-se à aval  
proprietários em relação aos asse  
possuírem apoio do Estado p  
significa algo que eles não rece

Sobre a avaliação negativa o dois aspectos na avaliação feita por pequenos proprietários. No primeiro de *Acomodados/Desorganizados*, os falta iniciativa, por parte de seu busca da concretização dos seu liderança, associação e coesão gr de 28 respostas. O segundo aspe foi categorizado como *Não-Pr que nem sempre os agriculto proprietários da terra que utiliza nestes resultados, confirmou assentados percebem a si mesm politicamente do que os pequ percebem seus vizinhos como in e sem coragem para lutar pelo mais terras para trabalhar.*



Tabela 4

*Avaliação dos Assentados e de seus Vizinhos sobre o Contato Social Estabelecido com o Exogrupo*

Tipo de contato social com o exogrupo	Frequências	
	Assentamento	Comunidade vizinha
Negativo/esteriótipos	16	—
Benéfico	9	3
Nenhum	—	6
Superficial	—	5

psicológico entre os grupos, uma vez que, fisicamente, existem todas as condições de distância para que eles possam ter contatos entre si.

Por fim, com o objetivo de conhecer outros aspectos da interação entre os grupos envolvidos no processo de assentamento, procurou-se conhecer como é o contato social estabelecido entre assentados e pequenos proprietários vizinhos ao assentamento (Tabela 4).

Entre os assentados, foram abordados dois aspectos: 1) Contato *negativo*, devido ao fato dos pequenos agricultores atribuírem a eles adjetivos depreciativos, tais como violentos, ladrões de terra e baderneiros, com um total de 16 respostas; e 2) Contato *benéfico*, por afirmarem ter boa relação com seus vizinhos, com uma frequência de nove respostas.

Diante do exposto, pode-se verificar que, em sua maioria, os assentados consideram que a relação com os pequenos proprietários não é positiva. Para os assentados, seus vizinhos não apresentam disposição para manter qualquer tipo de contato e ainda os chamam de ladrões de terra, vagabundos e baderneiros, sendo este o motivo principal pelo qual preferem manter distância. Estes aspectos confirmam a hipótese de que as percepções que um grupo tem de outro afetam negativamente o contato social.

A esse respeito, também se observou que os assentados manifestaram o interesse em manter isolamento em relação às comunidades circunvizinhas. Na visão dos assentados, uma vez que a falta de entendimento entre essas duas comunidades é marcante, quanto menor o contato, melhor deve ser para o

assentados, com seis respostas; 2) *Superficial*, que se dá entre os grupos, mas este contato se dá superficialmente, sem nenhuma intimidade, na feira, na igreja, com os vizinhos, comparecendo com cinco respostas; e 3) *Nenhum*, os assentados e os pequenos agricultores vizinhos afirmam que mantêm contatos entre si, e os contatos são benéficos. Nas três respostas apresentadas, os benefícios foram especificados que benefícios são e

De acordo com os resultados encontrados, é possível verificar a existência de conflitos entre os assentados e seus vizinhos. Carvalho (2006) contemplado este aspecto em seus estudos, concluiu que entre os assentados e seus vizinhos há uma desconfiança mútua e poucas afinidades. Os proprietários avaliam os assentados de forma negativa, consideram como ladrões de terras e violentos. Os assentados consideram os pequenos proprietários desorganizados e acomodados, indicando um aspecto positivo sobre a comunidade vizinha. Isso ocorre por conta dos assentados que já tinham tido contato com os moradores de fora do assentamento, o que mostra de acordo com a afirmação de Shalom (1984) os conflitos não são gerados por intrigas pessoais, mas constituem algo mais global, ocasionado por recursos, pela diferenciação entre as metas e valores da identidade grupal acentuada (ver, por exemplo, Tajfel, 1973; Turner, 1981).

Apesar da existência de conflitos e

## Conclusão

Neste estudo, partiu-se da premissa de que o assentamento poderá alcançar seu objetivo maior à medida que os assentados deixem de se diferenciar da comunidade que os cerca, passando a integrá-la e produzindo para a sua subsistência e comercialização. Pode-se verificar que este objetivo não tem sido alcançado, pois o preconceito e o conflito intergrupar estão muito presentes entre as comunidades envolvidas, quando o desejável seria justamente o contrário.

Apesar de parecer apenas psicológico, este problema é, acima de tudo, estrutural, haja vista a ausência de planejamento das políticas públicas voltadas para esta área, e de uma orientação unificadora das diversas comunidades envolvidas no processo de reforma agrária. Faz-se necessário trabalhar a micro-região como um todo, através da determinação de metas que, para serem alcançadas, necessitam do envolvimento e da cooperação, tanto dos assentados como dos seus vizinhos. Tal como foi verificado, realmente, o fato dos dois grupos estarem residindo numa mesma região não é condição determinante para que o envolvimento e a união aconteçam. É importante que sejam desenvolvidas atividades de trabalho, de lazer e de cultura, entre outras, que ajudem a diminuir a hostilidade e a manter a interdependência dos grupos aqui considerados. Através destas atividades, será possível o estabelecimento de normas e objetivos comuns, que contribuirão para relações menos conflituosas.

Outro aspecto importante é que, através dos recursos disponibilizados para o assentamento, sejam implantadas escolas, associações e postos de saúde, que possibilitem o maior contato social entre toda a comunidade, de forma que a região próxima ao assentamento seja também beneficiada. Tal benefício poderá ser auferido, não pela construção de prédios públicos, mas também pela concessão de créditos e assistência técnica para todos os agricultores, independentemente de serem ou não assentados.

## Referências

- Albuquerque, F. J. B. (1994). *Análisis del campo de la psicología social*. Tese de Doutorado não-published em Psicologia Social. Universidad Com.
- Albuquerque, F. J. B. (1996). Aspectos psicológicos da cultura (pp. 95-104). São Paulo: Cooperação.
- Albuquerque, F. J. B. (2000). *Aspectos psicológicos da Assentamentos e em seu entorno*. Relatório de Pesquisa.
- Albuquerque, F. J. B. (2001). Aproximación a la investigación en zonas rurales. *Estudios de Psicología*, 223, 233.
- Bar-Tal, (1996). Las Creencias Grupales como factor de cohesión. Em J. F. Morales, D. Paez, J. C. Decha. *Social: Aproximaciones psicosociales a los grupos* (pp. 285). Valencia: Promolibro.
- Bilgic, M. & Tajfel, H. (1973). Social categorization and behavior. *European Journal of Social Psychology*, 3, 117-130.
- Bonavito, E. A. (1998). *Produção Sócio-cultural e Acampamento da Fazenda Annoni e no Assentamento de Subjetividades*. Dissertação de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Carvalho, H. M. (1998). *Formas de associativismo em áreas oficiais de Reforma Agrária no Brasil*. Disponível em: <http://www.dataterra.org.br/documentos/hmcarvalho/1998.htm>
- Carvalho, H. M. De (1999). *A interação social no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais no Brasil*. Retirado em 05/04/2004 de [www.dataterra.org.br/documentos/hmcarvalho/1999.htm](http://www.dataterra.org.br/documentos/hmcarvalho/1999.htm)
- Casal, C. H. (1989). *Estructura y Procesos de Grupos en la Educación a Distancia*. Valencia: Promolibro.
- Clemente, M. & Albuquerque, F. J. B. (1998). O desenvolvimento rural: estudo sobre formação de grupos. Em R. D. Vallejo & J. D. V. Pastor (Orgs.), *Controversias y aplicaciones* (pp. 25-42). Madrid: Alianza.
- Clemente, M., Albuquerque, F. J. B. & Ribeiro, M. (1998). *Interior de las cooperativas agrarias y estratagemas de desarrollo*. Crédito Agrícola.
- Drigotas, S. M., Insko, C. & Schopler, J. (1996). Un examen más detallado de la teoría de la cohesión. Em J. F. Morales, D. Paez, J. C. Decha. *Social: Aproximaciones psicosociales a los grupos* (pp. 355-378). Valencia: Promolibro.

- Montero, M. (1996). La Identidade social negativa: Un concepto en busca de la Teoria. Em J. F. Morales, D. Paez, J. C. Dechamps, & S. Worchel (Orgs.), *Identidade social: Aproximaciones psicosociales a los grupos y a las relaciones entre grupos* (pp. 395-422). Valencia, ES: Promolibro.
- Myers, D. (2000). *Psicologia social*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Sherif, M. (1984). Conflito e cooperação. Em J. R. Torregrosa & E. Crespo (Orgs.), *Estúdios básicos de Psicología Social* (pp. 585-605). Barcelona, ES: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Turner, J. C. (1981). The experimental social psychology of intergroup behavior. Em J. C. Turner & H. Giles (Orgs.), *Intergroup Behavior* (p. 78). Oxford, England: Blackwell.

- Turner, J. C. (1994). El Campo de la Psicología Social. Em J. C. Turner & H. Giles (Orgs.), *Psicología Social* (pp. 17-28). Madri, ES: McGraw-Hill.

#### Sobre os autores

**Francisco José Batista de Albuquerque** é Psicólogo, Doutor e Pós-doutor pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha. É Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba.

**Tatiana Cristina Vasconcelos** é Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. É Professora do Centro de Ensino Superior São Francisco e bolsista na Universidade Federal da Paraíba.

**Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho** é Psicólogo. É Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba.